



HOMOEROTISMO E PSICANÁLISE NA LITERATURA: DO DESEJO OCULTO AO PRAZER DESVELADO

BARRETO, John Paulino; BARBOSA, Amanda de Paula

Universidade Estadual da Paraíba / johne.paulino20@hotmail.com

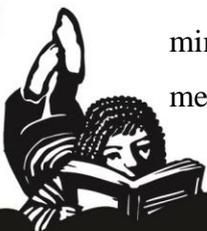
Universidade Estadual da Paraíba / amannadepaula92@gmail.com

Resumo: A presente pesquisa parte da ideia de que há uma forte relação entre a Literatura e a Psicanálise, pois, quando o autor escreve, ele deixa marcas que expressam desejos, desejos esses que podem ser revelados por meio da linguagem. Para isso, o leitor buscará a complexidade e profundidade das palavras, desocultando o não dito, como também as contradições e os desejos inconscientes do autor. Dessa forma, acreditamos que os estudos da Psicanálise trazem bastante importância para a Crítica Literária, sobretudo à compreensão de gêneros que estão surgindo na nossa contemporaneidade e que possuem poucos estudos em sua base, a exemplo da literatura homoerótica. Assim sendo, cremos que a Psicanálise pode nos ajudar no tocante ao entendimento dos afetos e dos desejos homoeróticos em textos literários, a fim de visibilizar a identidade LGBT e sua representatividade na literatura ao longo dos tempos, além de melhor compreender os conflitos internos e externos por que passam personagens homoeróticos em muitos textos literários. Com isso, o presente trabalho procura refletir sobre a relação teórico-metodológica entre a Literatura e Psicanálise a partir do conto homoerótico *As três irmãs*, de Mia Couto, autor moçambicano. Para isso, aplicaremos alguns conceitos apresentados pela Psicanálise a esse texto literário, a fim de compreender os desejos ocultados, o prazer desvelado e vozes não ditas ou mal compreendidas nesse conto. A presente pesquisa é explicativa e de cunho bibliográfico e interpretativista e segue duas linhas teóricas: a da Crítica Psicanalítica e Literatura e a da Literatura homoerótica. No caso da primeira, apoiamos nossas reflexões nos estudos de Eagleton (2006), Souza (2009) e Samuel (2011). No caso da segunda, centramo-nos nos estudos de Fernandes (2015) e Lopes (2002). Esperamos, portanto, que as reflexões apresentadas neste trabalho possam impulsionar outros trabalhos com a temática homoerotismo e Psicanálise, de maneira que a inserção, sistemática, de tal temática, na sociedade ou até mesmo na sala de aula, possa contribuir para a formação de leitores/as que possam tomar consciência da existência homoerótica e tudo que a caracteriza, tornando-se, talvez, mais respeitosos/as, humanizados e abertos à pluralidade que nos institui e nos constitui. Além disso, esperamos que esse trabalho possibilite aos professores de literatura mais uma possível leitura desse conto de Mia Couto sob o olhar da Crítica Psicanalítica, de modo que haja, durante a recepção desse texto, uma maior compreensão dele por parte de todos, na sala de aula.

Palavras-chave: Literatura homoerótica, Psicanálise, leitura para a sala de aula.

INTRODUÇÃO

Platão e Aristóteles, autores gregos, contribuíram efetivamente para a compreensão da mimese (imitação da realidade), que teve forte influência sobre as produções literárias até meados da segunda metade do século XIX. Para esse primeiro autor, na sua obra *A República*





VII ENLIJE

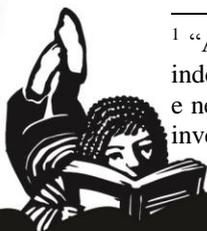
(século IV a.C.), todas as espécies de arte são imitações, cópias de formas ideais e puras da realidade, condenando, assim, a poesia (literatura – termo criado somente no século XIX), por ela ser verossímil, imitação de segundo grau e uma incompreensão da realidade. Já para esse segundo autor, na obra *A Poética*, nos anos 335 a.C. e 323 a.C. (século IV a.C.), para que a mimese se efetivasse, era preciso haver técnicas, juntamente com a invenção e a criatividade da realidade exterior por meio da linguagem. Em outras palavras, a mimese para Aristóteles é a representação (exploração) da realidade construída pelo autor.

Por meio desse último conceito, conseguimos perceber que o texto literário pode ocupar um lugar especial em nossas vidas não só porque ele é um depósito de experiências humanas, mas, acima de tudo, porque atua como fator de reflexão da/para a vida e é um espelho (produto) daquilo que a realidade externa nos apresenta dia após dia. Dessa forma, por meio dele, conseguimos (re)criar momentos de prazer, revelando, em muitos momentos, quem somos e trazendo à tona nossos desejos ocultos, como também ele nos preenche e/ou nos leva a estranhar aquilo que está escrito e que nos afasta da nossa realidade, promovendo, por sua vez, surgimento de emoções que nos modificam e nos confirmam enquanto sujeito das transformações sociais.

Nesse sentido, há uma forte relação entre a literatura e a Psicanálise, pois “quando um autor, um escritor escreve, ele sublima suas pulsões atendendo ao desejo das expressões. Brincar com a palavra, fazer dela seu instrumento e seu objeto é mostrar-se por seu intermédio” (GUIMARÃES, 2012, p.26). Ainda, por meio da escrita do autor, podemos entrar em conflito consigo, buscando, no texto, respostas para nossas inquietações, anseios, medos, (in)verdades e desejos. Para isso, o leitor buscará a complexidade e profundidade das palavras, desocultando o não dito, como também as contradições e os desejos inconscientes do autor.

Dessa forma, acreditamos que os estudos da Psicanálise trazem bastantes contribuições para a Crítica Literária, sobretudo à compreensão de gêneros que estão surgindo na nossa contemporaneidade e que possuem poucos estudos em sua base, a exemplo da literatura homoerótica¹. Assim sendo, cremos que a Psicanálise pode nos ajudar no tocante ao entendimento dos afetos e dos desejos homoeróticos em textos literários, a fim de visibilizar a identidade LGBT e sua representatividade na literatura ao longo dos tempos, além de melhor

¹ “A literatura homoerótica que defendemos deixa questões políticas de lado; privilegia o desejo homoerótico independente da identidade. Portanto, essa literatura não precisa ser, necessariamente, escrita por escritores gays e nem é direcionada apenas ao público gay. Ao falar do desejo homoerótico, ela universaliza a sua temática, ao invés de restringi-la a uma identidade gay” (SOUZA, 2010, p.71).





VII ENLIJE

compreender os conflitos internos e externos por que passam personagens homoeróticos em muitos textos literários.

Diante dessas reflexões acerca da Literatura, Psicanálise e homoerotismo na literatura, surgiram os seguintes questionamentos: De que forma a Crítica Psicanalítica contribui para a dinamicidade que constitui o ato de ler e seus possíveis efeitos sobre o leitor de texto literário? Na leitura/interpretação que esse leitor fará dos textos literários, que caminhos ele pode seguir, a fim de analisar o não revelado (o não dito) pelo autor? Enfim, através dos estudos da Crítica Psicanalítica, como poderemos compreender o conto homoerótica *As Três irmãs*, de Mia Couto?

Para isso, neste trabalho de pesquisa, analisaremos o conto *As três irmãs*, de Mia Couto, à luz da Crítica Psicanalítica, na intenção de compreender as vozes não ditas, o prazer oculto, homoerotismo não revelado, os desejos reprimidos, a repressão por que passam personagens homoeróticas, como também corroborar para a fortuna crítica literária, trazendo mais uma possibilidade de leitura para esse texto e, assim, abrir o horizonte de novas leituras para outros textos literários com a mesma temática.

Para respondermos aos questionamentos desta pesquisa, traçamos como objetivo geral refletir sobre a relação teórico-metodológica entre a Literatura e Psicanálise a partir de um conto homoerótico de Mia Couto, autor moçambicano. A partir dessa proposta, delineamos os seguintes objetivos específicos: (1) compreender a relação teórico-metodológica entre a Literatura e a Psicanálise; (2) promover uma leitura de um conto homoerótico de Mia Couto à luz da Crítica Psicanalítica; (3) apresentar alguns caminhos para a leitura de textos literários por meio da Crítica Psicanalítica; (4) colaborar com a produção do saber em relação à fortuna crítica literária por meio da união entre literatura homoerótica e Psicanálise.

Para isso, aplicaremos alguns conceitos apresentados pela Psicanálise a esse texto literário, a fim de compreender os desejos ocultos, o prazer desvelado e vozes não ditas ou mal compreendidas nesse conto. A presente pesquisa é explicativa e de cunho bibliográfico e interpretativista e segue duas linhas teóricas: a da Crítica Psicanalítica e Literatura e a da Literatura homoerótica. No caso da primeira, apoiamos nossas reflexões nos estudos de Eagleton (2006), Souza (2009) e Samuel (2011). No caso da segunda, centramo-nos nos estudos de Fernandes (2015) e Lopes (2002).

É bom salientar que a escolha desse texto partiu do critério temático, pois ele retrata a relação erótico-amorosa entre iguais, de modo a visibilizar o desejo entre eles através de uma linguagem simples e criativa. A escolha por um eixo temático é uma estratégia metodológica que pode tornar mais sistemático e eficaz o trabalho com a literatura e, consequentemente, a





formação de leitores. Ademais, segundo Strogenski e Soares (2011), é importante trabalhar temas a partir da literatura como uma forma do indivíduo assumir seu papel social diante dos diferentes meios de informação.

Esperamos, portanto, que as reflexões apresentadas neste trabalho possam impulsionar outros trabalhos com a temática homoerotismo e Psicanálise, de maneira que a inserção, sistemática, de tal temática, na sociedade ou até mesmo na sala de aula, possa contribuir para a formação de leitores/as que possam tomar consciência da existência homoerótica e tudo que a caracteriza, tornando-se, talvez, mais respeitosos/as, humanizados e abertos à pluralidade que nos institui e nos constitui.

1. Literatura, psicanálise e homoerotismo: aportes teóricos e leitura

1.1 Crítica Psicanalítica e literatura: Por uma revelação do oculto do texto

A Psicanálise é uma teoria da mente humana que se utiliza da literatura para compreender doenças e/ou perturbações das pessoas, ou seja, “não é uma prática literária, mas sim uma metodologia clínica e terapêutica” (SOUZA, 2009, p. 243). Com isso, a literatura ocupará um importante papel de construção de significados que revelarão caminhos propícios para a investigação e compreensão do inconsciente. Por isso,

A crítica Psicanalítica é de orientação interpretativista (de cunho hermenêutico e fenomenológico), isto é, procura-se captar um sentido irreduzível às intenções reveladas pelo autor, para se chegar a uma essência única de compreensão da obra literária (SOUZA, 2009, p. 243).

Nota-se que essa teoria é subjetiva e simbólica, pois, para essa Crítica, em especial para Freud, a literatura é um lugar de demonstração do inconsciente do literato e também daqueles que disponham do seu tempo para ler as obras que lhes darão prazer. Isso implica dizer que esses sujeitos, por alguma razão, estão em busca, consciente ou inconscientemente, de (re)afirmar suas fantasias, desejos e inquietações ocultas.

Portanto, por trás do conteúdo manifesto da obra, conteúdo esse trabalhado enquanto ideia e enquanto forma, há sempre algo do inconsciente do seu criador, afinal antes do artista tecnicamente hábil existe a pessoa do homem em suas condições subjetivas. Não se trata absolutamente de negar ou mesmo reduzir o valor estético da obra. Sem a dimensão estética não existe a arte. Quando se trabalha a literatura a partir da psicanálise se quer alcançar um pouco da relação entre a criatura (a obra) e seu criador (o autor) para daí verificar que a produção artística passa não só pela técnica da elaboração do discurso, mas também pela realidade subjetiva inconsciente, recalcada do autor. Essa realidade se mostra pelo discurso e esse discurso revela o sujeito que o elabora. Então, entre a literatura e o homem há pelo menos dois elementos comuns: o inconsciente e a linguagem. Esta é a matéria prima da literatura e através dela se dá um nível de enunciação, um nível de não-dito, um nível que se chamaria “inconsciente” do texto. Por outro lado, a





VII ENLIJE

linguagem é também a grande ordem simbólica sem a qual o homem não existiria como sujeito que pensa, que sente e que constrói uma significação para as coisas. Dessa linguagem, nasce o inconsciente do sujeito e este se apresenta socialmente com suas pulsões, suas representações. (RALLO, 2015, p.94-93)

Para Samuel (2011), essa grande ordem é construída, no texto, por meio de significados que são sempre múltiplos e mudam nos contextos e revelam indícios do que precisam esconder, criados, assim, por meio da diferença (ausência), e não através da presença. Dessa forma, para esse autor, a Crítica Psicanalítica enxerga o texto como “um tecido de textos anteriores, tecido de referências históricas e práticas, jogos de palavras. Um texto não é, e não pode ser único, mas um processo de compromissos” (SAMUEL, 2011, p.87). Nesse sentido, a Crítica Psicanalítica busca ler a complexidade, a profundidade e o não dito dos significados em que fatores conscientes e inconscientes estão inerentes nesse texto, na intenção de revelar desejos do autor, desejos esses já acordados pelo seu leitor, sobretudo desejos inconscientes.

Diante dessa intenção, Samuel (2011) afirma que a meta da Psicanálise é revelar o conteúdo oculto do texto, que está por baixo, que se esconde e determina o conteúdo manifesto, uma vez que, para Freud, a literatura é vista como o cumprimento do desejo ou da satisfação da fantasia de desejos negados pelo princípio da realidade ou proibidos por códigos morais. Ainda, conforme os estudos de Eagleton (2006), o objetivo da Psicanálise é descobrir as causas ocultas da neurose (conflito interno), a fim de libertar o paciente de seus conflitos, fazendo desaparecerem, com isso, os sintomas perturbadores que os cerca.

Para que haja essa libertação não somente do paciente, mas do autor e/ou do seu leitor do texto literário, bem como analisar atitudes, medos, desejos, emoções e (in)verdades explicitadas através de personagens, é preciso que conheçamos alguns conceitos-chave necessários para a melhor compreensão do não revelado da linguagem, que são: *consciente*, *inconsciente*, *pré-consciente*, *neurose*, *complexo de Édipo*, *castração*, *superego*, *paranoia*, dentre outros. Todos esses conceitos foram apresentados nos estudos do pai da Psicanálise, Sigmund Freud, e foram apresentados por Eagleton (2006).

Souza (2009) afirma que, para a Psicanálise, o *consciente* refere-se ao fato de estarmos conscientes em um dado momento; o *inconsciente* diz respeito ao material não disponível à consciência do indivíduo, lembranças reprimidas, sonhos, impulsos que constituem fonte de ansiedade por serem socialmente ou eticamente inaceitáveis para o indivíduo, e o *pré-consciente* tem relação com conteúdos que podem facilmente chegar à consciência. A *neurose* ocorre quando, conforme esse autor, alguma pessoa sofre repressão de modo





termina adoecendo por isso, ocasionando a *neurose obsessiva* (exemplo, ter de tocar os postes da rua), a *neurose histérica* (exemplo, sofrer uma paralisia em um braço sem qualquer razão orgânica) ou *neurose fóbica* (exemplo, ter medo irracional de espaços abertos ou de certos animais).

Ainda, para Eagleton (2006), o *complexo de Édipo* está relacionado com o desejo íntimo do menino com o corpo da mãe leva-o a uma desejo incestuoso de união sexual com ela, ao passo que a menina, que teve ligação semelhante com a mãe e cujo primeiro desejo é, portanto, sempre homossexual², começa a voltar a sua libido para o pai. Ainda, de acordo com esse autor, o que leva o menino a abandonar seu desejo incestuoso pela mãe é a ameaça da *castração* (corte que haverá entre a criança e a mãe/pai) pelo pai.

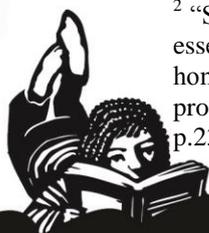
Por fim, temos o *superego* e a *paranoia*. Esta refere-se, segundo esse autor, à voz pavorosa e punitiva da consciência, já aquele, conforme o autor em questão, é o estado mais ou menos sistematizado de alucinação, sob o qual Freud inclui não só a mania de perseguição, mas também o ciúme excessivo e a mania de grandeza.

Diante do todo exposto, afirmamos que a Crítica Psicanalítica é uma teoria que visa à análise de textos literários por meio do não dito da linguagem, a fim de descobrir inquietações já manifestadas no inconsciente humano. Então, para melhor perceber essa inquietação, nada melhor que estudar a literatura homoerótica (no item a seguir, abordaremos um panorama geral dessa literatura) para promover reflexões acerca de desejos e amores proibidos e, assim, revelar causas ocultas de personagens e/ou do narrador.

1.2 Homoerotismo e literatura: entre conceitos, amores e perdição

O tema “diversidade sexual”, na sociedade do século XXI, ainda é considerado tabu, estranho ou algo que pode gerar inquietação nos vários setores sociais. Entretanto, desde o final do século XX, há uma preocupação dos pesquisadores em estudar a relação entre pessoas do mesmo sexo, com o objetivo de compreender as mudanças sociais com relação ao seu modo de viver, de pensar e de agir, bem como (re)construir os termos dados a essa relação. Neste caso, o termo “homossexualidade”, para a sociedade contemporânea, parece ser mais aceito do que homossexualismo, pelo fato de aquele implicar numa ideia mais ampla e menos preconceituosa, enquanto este remete à ideia de doença, advinda do século XIX. Porém, como

² “Se o menino é incapaz de superar com êxito o *complexo de Édipo*, pode ficar sexualmente incapacitado para esse papel pode favorecer a imagem da mãe acima de todas as outras mulheres, o que para Freud pode levar à homossexualidade; ou o reconhecimento de que as mulheres são “castradas” pode tê-lo traumatizado tão profundamente, que ele se torna incapaz de manter relações sexuais satisfatórias com elas” (EAGLETON, 2009, p.233)





VII ENLIJE

afirma Costa (1992), havia certa insatisfação nos termos “homossexualidade” e “gay”, pelo fato de essas duas palavras passarem pela ideia de questão identitária, algo que caracterizasse pessoas que praticam relações erótico-sexuais.

Para pôr fim a essa ideia, Costa (1992) propõe o termo “homoerotismo” com o objetivo de negar as concepções ligadas ao que se entendia por homossexualismo ou homossexualidade. Para o autor, a noção de homoerotismo é mais adequada por descrever os desejos ou práticas dos homoeróticos em sua diversidade e romper qualquer visão essencialista ou patológica. Ele ainda afirma que esses termos anteriores relacionam-se à doença, ao crime e, até mesmo, a uma marca de inferioridade atribuída a todos os sujeitos cuja orientação sexual tende ao amor entre pessoas do mesmo sexo biológico.

Oliveira (2006), discordando do termo “homoerotismo” elaborado por Costa (que nega as ideias do século XIX, como doenças físicas ou psicológicas, mas remete a um dos aspectos de preconceito contra gays que é o interesse e prática sexuais exagerados), cria a palavra “homoafetividade” para realçar o aspecto que não é de ordem, nem tampouco sexual, e sim da afetividade, o afeto independente do sexo do par. Ou seja, a ideia deste termo implica numa relação vinculada ao afeto, ao acontecimento de uma pessoa se sentir bem sexualmente, amorosamente e psicologicamente com outra do mesmo sexo.

Todavia, Fernandes (2015), refutando as ideias de Oliveira (2006) a respeito do termo “homoafetividade”, afirma que, por ser formado morfologicamente pela palavra “afeto”, esse termo pode designar, por exemplo, a relação de amor entre mãe e filha, entre dois amigos, entre duas namoradas, podendo ir além “dos limites semânticos que o termo adquire ao ser distanciado das relações entre pessoas que se desejam e cujas correspondências afetivas não coincidem com as relações incestuosas” (FERNANDES, 2015, p. 27).

Para esse autor, os termos “homoerótico” e “homoerotismo” têm uma significação mais específica e explica com mais precisão o desejo, o afeto, o carinho, a relação sexual, gestos eróticos entre pessoas do mesmo sexo. De acordo com o autor, na base morfossemântica desses termos, temos a palavra “eros”, remetendo-se à mitologia grega, na qual Eros era o deus do amor e do desejo que impulsionava a união afetivo-amorosa entre os seres, união essa que não se prendia apenas ao aspecto sexual. Além disso:

Usamos, preferencialmente, os termos homoerótico e homoerotismo, de acordo com as possibilidades interpretativas dos textos literários em questão, levando em consideração os sentimentos que emanam das personagens, das relações que são entrelaçadas, dos desejos visivelmente perceptíveis por meio da narração que denuncia muito claramente uma subjetividade homoerótica nos sujeitos ficcionais, uma inclinação homoerótica de seus desejos, ou mesmo uma relação homoerótica baseada apenas na amizade





VII ENLIJE

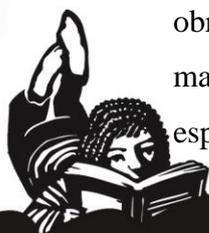
com forte intenção sexual sublimada, ou mais subversiva em que as personagens já ousam romper as barreiras da proibição e mostrar-se textualmente com seus corpus e imagens de sexo (FERNANDES, 2015, p.27-28).

Diante do exposto, acreditamos que os termos “homoerótico” e “homoerotismo” são fundamentais para a nossa discussão ao longo desta pesquisa, pois eles retratam bem nossa compreensão acerca do que entendemos da relação afetivo-sexual-amorosa entre pessoas do mesmo sexo, bem como justificam nosso olhar sobre o modo como as várias personagens se identificarem, agem e se expressarem nos textos literários escolhidos para serem trabalhados em sala.

De acordo com os estudos de Fernandes (2015), a primeira referência de obra que tem como tema “homoerotismo” foi no Barroco, com a produção literária do poeta do século XVII, Gregório de Matos, em especial o poema *A uma dama que macheava outras mulheres*. Depois desse estilo de época, segundo Fernandes, “foi no Romantismo que encontramos a segunda referência do texto literário cujo tema envolve o desejo homoerótico. Trata-se do romance *As Mulheres de Mantilha*, de Joaquim M. de Macedo, publicado em 1870” (FERNANDES, 2015, p. 55). Mas, foi com o surgimento do Naturalismo, conforme Silva (2012), que se ouviu falar com mais abertura em envolvimento sexual-amoroso entre iguais, consolidando-se, talvez, o que compreendemos por literatura homoerótica no Brasil. O romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha (1895), para esse autor, é considerado uma obra que deu espaço para a visibilidade homoerótica e uma abertura para a compreensão política da existência do envolvimento afetivo-sexual-amoroso que há entre iguais na literatura.

Ainda, na obra *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, percebemos a presença da personagem Pombinha, filha de dona Isabel, moça que apresentava ter bons modos, numa relação lésbica com Léonie, prostituta, a qual tira a virgindade dela, tornando-se amantes. Dentro do mesmo período literário, encontramos a obra *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia, que mostra a relação homoerótica entre Sérgio e Sanches, Sérgio e Bento Alves e, por fim, entre Sérgio e Egbert. Essas relações, nessa obra, foram mostradas, pelo narrador, partindo de afirmações indiretas do narrador, que ficam subentendidas, porém, através do comportamento dessas personagens, podemos perceber os valores da época, bem como a compreensão que se tinha sobre a relação afetivo-sexual-amorosa entre iguais.

No século XX, a representatividade homoerótica continuou sendo palco de algumas obras brasileiras e seus conteúdos apontaram para uma expressão erótico-sexual muito marcante que rompiam com modelos tradicionais de textos literárias que privilegiam públicos específicos. A exemplo disso, narrativas e textos poéticos, com temática homoerótica, vão





VII ENLIJE

sendo apresentados à sociedade da época e abrindo espaço para a produção desse gênero na literatura brasileira. Temos o conto *Frederico Paciência*, de Mário de Andrade, que sugere um envolvimento amoroso entre os personagens Juca e Frederico os quais vão sendo impulsionados a viver um amor e/ou um desejo platônico. Dentro desse mesmo pensamento, apresentam-se alguns poemas modernos que também tiveram uma preocupação com essa temática – *Balatetta*, de Mário Faustino, e *O rapto*, de Carlos Drummond de Andrade, ambos trazem à tona a presença de personagens masculinos que vivem um amor fomentado por (des)prazer.

Ainda, conforme Lopes (2002), foi nos anos 60 que se tem uma produção literária relacionada ao homoerotismo, tendo esse uma visibilidade mais reveladora com relação às opressões e preconceitos implantados por um regime autoritário, como mostra a obra *O erotismo no conto brasileiro*, organizado por Edilberto Coutinho (1980). Nesses anos e parte dos 70, segundo esse autor, começam a surgir obras literárias que tinham como foco desejos e identidades homoafetivas, havendo uma preocupação por parte dos autores da época, em retratar, nessas obras, o temor da Aids, a solidão, questões relacionadas à prática sexual e à busca por relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo. A exemplo disso, Lopes (2002, p.140) cita o melhor da obra de Caio Fernando de Abreu, *Keith Jarrett no Blue Note*, de Silviano Santiago, bem como trabalhos de Edilberto Coutinho, José Carlos Honório, Jean-Claude Bernardet, João Gilberto Noll, Bernardo Carvalho, letras de Cazuza e Renato Russo, poemas de Ana Cristina Cesar.

No que compete à literatura infanto-juvenil, literatura essa que também coopera para a visibilidade do envolvimento afetivo-amoroso entre iguais, houve, a partir das transformações sociais e compreensão do que seria família e criança em meados da segunda metade do século XIX e século XX, uma preocupação em produzir textos literários infantojuvenis que retratassem a realidade na qual a criança vive, levando-a a questionar sobre valores e questões sociais, a exemplo de racismo, tipos de família, identidades, representação da mulher, homoerotismo, cultura afrodescendente etc, que eram considerados temas polêmicos pela crítica:

A partir desse contexto, a literatura infanto-juvenil passou a contemplar os mais variados temas, inclusive os considerados polêmicos como aqueles que dizem respeito à orientação sexual ou estilo de vida de suas personagens. Passou a ser objeto de estudo e alvo de discussões nas academias por incorporar temáticas à sua tessitura literária, que possibilitam contribuir com o respeito aos vários grupos marginalizados, marcados pela discriminação, entre eles o homoafetivo. (COSTA, 2011, p.60)





Notamos, de acordo com a passagem acima, que a literatura infantojuvenil sempre preocupou em apresentar ao seu público temas relacionados às experiências humanas, dentro dessas está o homoerotismo. Para esse fim, várias obras literárias infanto-juvenis foram produzidas com o objetivo de levar às crianças uma reflexão sobre o respeito à diversidade sexual, tendo essas obras, muitas das vezes, um caráter de entretenimento e também formativo, pois, conforme iam apreciando um livro infantojuvenil, experimentavam um contato com a diferença e confrontavam seus valores e crenças a respeito do outro e das vivências sociais. A exemplo das várias obras da literatura infantojuvenil brasileira de temática homoerótica já produzidas até então, destacamos, a partir dos estudos de Costa (2011): *Mamães e papais* (2013), de Emerson Machado, *Eu tenho Duas Mães* (2010), de Marcu Marlelli, *Meus dois pais* (2010), de Walcyr Carrasco, *Olivia tem dois papais* (2010), de Marcia Leite, *Era uma vez um casal diferente* (2009), de Lúcia Facco, *É proibido de Miar* (2009), de Pedro Bandeira, *Por que não consigo gostar dela* (2009), de Anna Cláudia Ramos, *Katita: tiras em preconceito* (2006), de Anita Costa, *Menino brinca de boneca* (2001), de Marcos Ribeiro, *Menino ama menino* (2000), de Marilene Godinho, *O menino que brincava de ser* (2000), de Georgina da Costa Martins, *O gato que gostava de cenoura* (1999), de Rubem Alves, e *O amor não escolhe sexo* (1997), de Giselda Laporta.

Diante do exposto, é bom salientar que nossa preocupação, nesse capítulo, não é traçar um panorama da historiografia da literatura homoerótica, mas lembrar que existem produções literárias brasileiras que contemplam essa temática que é muito relevante para o favorecimento e conscientização do leitor. Dessa forma, elas deveriam ter um espaço mais garantido na nossa sociedade e na escola, uma vez que é preciso fazer as crianças e os adolescentes encararem a realidade que os cerca e, através dessas produções, motivá-los/as à socialização do que é real, questionando, assim, preconceitos e estereótipos impostos pela sociedade heteronormativa.

Também, como uma forma de trazer à tona mais uma possível interpretação de textos homoeróticos à luz da Psicanálise, a seguir, faremos uma leitura de um conto homoerótico.

1.3 Psicanálise e Literatura: leitura e (des)encanto no conto de Mia Couto

As três irmãs, de Mia Couto, autor moçambicano, é o primeiro conto encontrado na obra desse autor intitulada *Os fios das missangas* (2003). Narrado em terceira pessoa, narrador onisciente, esse conto, fugindo da estrutura padrão desse gênero (apresentação, desenlace, clímax e desfecho), apresenta cinco partes que dão uma transparência à compreensão de todo o enredo: Uma apresentação (em que serão mostrados os personagens)





VII ENLIJE

a mulher falecida, Rosaldo e suas três filhas, Gilda, Flornela e Evelina), uma segunda parte (em que os costumes e as características de Gilda, a mais velha, serão descritos), uma terceira parte (em que os costumes e as características de Flornela, a do meio, serão revelados), uma quarta (em que os hábitos e as características de Evelina, a mais nova, serão apresentados a nós, leitores); por fim, uma última parte, em que será revelados a verdadeira identidade e os desejos do pai.

Essas três irmãs foram apresentadas, no conto, por meio dos espaços que ficam no próprio interior da casa: o jardim frequentado por Gilda, a cozinha frequentado por Flornela e a varanda frequentado por Evelina. Assim, o tempo presente nesse texto é o cronológico, pois toda ação narrada nele é baseado em uma marcação temporal – “Todas as tardes, Gilda trazia...” (COUTO, 2003, p.1) – que permite ao leitor compreender a linearidade de todo o enredo.

Rosaldo, o personagem antagonista do conto, pois todo momento ele tenta impedir e até mesmo controlar a felicidade e o modo de viver de suas filhas, representa o fio condutor das revelações encontradas na presente história narrada. Dessa forma, logo no início do conto, percebemos a presença da neurose nesse personagem, pois ele tinha se isolado desde que sua esposa faleceu, mostrando rejeição ao mundo, ao ponto de suas filhas “esquecerem do sotaque de outros pensamentos” (COUTO, 2003, p.1). Além disso, notamos também a presença do Complexo de Édipo na vida desse personagem, uma vez que Rosaldo não conseguiu se libertar desse sentimento de apego que, ao longo dos anos, depositou em suas filhas, criando-as para serem exclusivas e definitivas, sendo somente dele – presença da castração.

Assim, já nos parágrafos finais, conseguimos observar que Rosaldo também apresentava sintomas de paranoia e de superego, haja vista que, quando o rapaz, “o intruso”, chegou nas proximidades de sua casa, ele mostrou ciúmes excessivos de suas filhas (ou medo de perdê-las) e, por conta disso, passou a perseguir esse rapaz. Quando Rosaldo ficou frente a frente a ele, exigiu-lhe que não se metesse com suas filhas (superego – voz pavorosa e punitiva da consciência). No final de tudo isso, vem a confirmação do Complexo de Édipo por meio da revelação homoerótica do pai, pois esse e o rapaz intruso tinham um caso sigiloso.

Vemos, ainda, algumas características em cada uma das filhas que são justificadas pela Psicanálise que, talvez, tolheram a forma delas viverem. Gilda, por exemplo, foi instigada pelo pai, porque ele utiliza-se de um discurso controlador (superego) para com ela, sobretudo, a ser uma jardineira, porém o desejo dela era ser poetisa – “O pai deu contorno ao futuro: a moça seria poetisa” (COUTO, 2003, p.1). Por ele impor uma forma de viver a Gilda, ela acaba não sendo realizada e não sendo feliz com a vida que levava, pois sua voz não foi ouvida.

(83) 3322.3222

www.enlije.com.br

www.enlije.com.br





VII ENLIJE

pelo seu pai e seus sonhos foram roubados pelo egoísmo e frustrações dele. Diante disso, entendemos que ela estava sendo aquilo que, talvez, seu pai gostaria de ser ou ter no seu dia a dia, saciando, por meio dela, um desejo oculto que está imbricado em sua inconsciência

Já Flornela deixa transparecer, por meio de suas atitudes, o quanto ela se realizava quando coloca em prática suas receitas culinárias, porém essa realização poderia ser fruto de uma concepção de que mulher era para estar na cozinha, ser uma excelente cozinheira, como revela a seguinte passagem – “Mas ela apagava a voz como quem baixa o fogo [...] Se um dia ela dedicasse seu peito seria a um cheiro, cumprindo uma gordura receita” (COUTO, 2003, p. 1). Partindo do pressuposto de que, para a Psicanálise, o texto revela o conteúdo oculto, podemos entender que Flornela foi instigada por seu pai a ser uma boa cozinheira, só que isso deveria ser somente para ele, mostrando-se uma dependência afetiva-físico-emocional muito grande para com essa sua filha do meio.

Por fim, vemos Evelina, uma moça que revela claramente indícios de neurose obsessiva. Ela ria, mas rapidamente se corrigia para não demonstrar felicidade. Ainda, ela se picava até ver o sangue escorrer pelos seus dedos. Esses dois momentos, por sua vez, mostrando-nos o quanto essa moça era reprimida excessivamente por seu pai, ao ponto dela apresentar sintomas perturbadores que a deixavam sem ânimo de viver – “lhe doía se lhe dissesse ser bonita” (COUTO, 2003, p.2).

Rosaldo, portanto, é aquele que sofre de paranoia, além de frustrações que são transferidas para suas filhas. E ele faz isso impondo a cada uma delas uma qualidade que vai satisfazê-lo, construindo, assim, um ambiente hostil e muito negativo para suas filhas. E essa negatividade também é comprovada na linguagem utilizada ao longo do próprio texto (“nem deram conta...” (COUTO, 2003, p.1)), ou seja, o uso recorrente da negativa reforça o quanto esse conto retrata o sofrimento e o conflito interno do pai e de suas filhas, revelando, talvez, a dor que ele sentia em não poder assumir sua sexualidade que fora, em algum momento de sua vida, reprimida. Com isso, o prazer de Rosaldo foi desvelado a partir do momento em que suas filhas descobrem a relação erótica-sexual dele com o visitante intruso, e toda repressão pela qual o pai lhes fez passarem foi transformada em vingança. Isso é visto no final do conto, final esse que não é claro, mas uma possível interpretação para essa vingança delas é o assassinato do pai e do visitante – “Há muitos sóis. Dias é que só há um. Para Rosaldo e o visitante, esse foi o dia. O derradeiro” (COUTO, 2003, p.2).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tínhamos como objetivo para esta pesquisa refletir sobre a relação teórico-metodológica entre a Literatura e Psicanálise a partir de um conto homoerótico de Mia Couto.





VII ENLIJE

autor moçambicano. Para isso, buscamos aplicar alguns conceitos apresentados pela Psicanálise a esse texto literário, a fim de compreender os desejos ocultos, o prazer desvelado e vozes não ditas ou mal compreendidas nesse conto.

Nesse sentido, essa pesquisa nos revelou que a Psicanálise é um dos meios pelo qual o leitor pode detectar os implícitos da linguagem, e até mesmo ele pode compreender atitudes do autor e/ou da sua produção literária, reveladas na escrita, que talvez justifiquem desejos negados por este em relação ao princípio da realidade que, muitas vezes, é proibido por códigos morais. Dessa maneira, a fim de descobrir as causas ocultas da neurose ou outros sintomas que, consciente ou conscientemente, perturbam esse autor ou seus personagens, a Psicanálise, mais do que detectar essas perturbações, podem ajudá-los em relação ao tratamento desses considerados doentes ou perturbados.

Com isso, nesse artigo, sinalizamos o estudo da literatura homoerótica sob o olhar da Crítica Psicanalítica como um bom casamento para análises de personagens LGBT's que, possivelmente, revelarão conflitos internos causados ou por uma sociedade heteronormativa ou pela não aceitação da sua própria sexualidade ou identidade de gênero, repercutindo o mundo no qual ele está inserido.

Como exemplo desse estudo, fizemos uma leitura do conto homoerótico *As Três irmãs*, de Mia Couto, com base em alguns conceitos-chave da Psicanálise, e percebemos que, nesse texto, o personagem Rosaldo é o sinal carregado de significados para o desenrolar da narrativa, pois é ele o causador de toda tristeza e angústia de suas filhas e é ele que apresenta alguns sintomas psicológicos que mereciam tratamento, a fim de se libertar das amarras sociais e, assim, saber lidar com suas frustrações e até mesmo com seus desejos ocultos por rapazes. Sua voz, portanto, não foi dita porque foi mais cômodo para ele transfigurar sua real identidade e manipular suas filhas para apenas satisfazê-lo, do que enfrentar seus medos, anseios e repressões.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Eudoro de Sousa. 2. ed. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1990.

COSTA, J. F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1992.

COSTA, Lúcia de Lourdes Monteiro. **Literatura infanto-juvenil de temática homoafetiva: impasses entre a abordagem dos PCN e a representação**. Dissertação (Mestrado em

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





VII ENLIJE

Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, 2011.

COUTO, Mia. **As três irmãs**. In: O Fio das Missangas. 1ª ed., Lisboa/Portugal: Editorial Caminho, 2003.

EAGLETON, Terry. **A psicanálise**. In: Teoria da literatura: uma introdução. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p.p.227-292.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. **O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX**. 1ª ed. São Paulo: Scortecci, 2015.

GUIMARÃES, Sandra Afonso Pimentel. **Psicanálise e literatura: Uma interseção da linguagem**. Monografia apresentada ao Centro Universitário de Brasília – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília, 2012.

LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

OLIVEIRA, T. L. **Teoria Queer e estigma: a construção de performances homoafetivas em narrativas de histórias de vida**. Tese de Doutorado. Departamento de Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ, 2006.

PLATÃO. **República**. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2002.

STROGENSKI, Maria José Ferreira. SOARES, Susane. **Ensino de Literatura: uma proposta por unidade temática**. Revista dos alunos de graduação em Letras: Paraná, 2011.

RALLO, Elizabeth Ravoux. **Métodos de crítica literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SAMUEL, Rogel. **Crítica Psicanalítica**. In: Novo Manual de teoria literária. 6ª ed. Revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.p.86-89.

SILVA, Antônio de Pádua Dias da. **A história da literatura brasileira e a literatura gay: aspectos estéticos e políticos**. Maceió: Editora, 2012.

SOUZA, Adalberto de Oliveira. **Crítica Psicanalítica**. In: Teoria literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 243-255.

SOUZA, Warley Matias de. **Literatura homoerótica: o homoerotismo em seis narrativas brasileiras**. Dissertação (Teoria da literatura) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

